

Pr. Leandro B. Peixoto

Segunda Igreja Batista em Goiânia

www.sibgoiania.org

14 de março de 2021

[O EVANGELHO DE JOÃO]

Msg. 65

O SINAL DA CRUZ NO CRISTÃO

[João 13.31-38] ³¹Assim que Judas saiu, Jesus disse: “Chegou a hora de o Filho do Homem ser glorificado e, por causa dele, Deus será glorificado. ³²Uma vez que Deus recebe glória por causa do Filho, ele dará ao Filho sua glória, de uma vez por todas. ³³Meus filhos, estarei com vocês apenas mais um pouco. E, como eu disse aos líderes judeus, vocês me procurarão, mas não poderão ir para onde eu vou. ³⁴Por isso, agora eu lhes dou um novo mandamento: Amem uns aos outros. Assim como eu os amei, vocês devem amar uns aos outros. ³⁵Seu amor uns pelos outros provará ao mundo que são meus discípulos”. ³⁶Simão Pedro perguntou: “Para onde o Senhor vai?”. Jesus respondeu: “Para onde vou vocês não podem ir agora, mas me seguirão mais tarde”. ³⁷“Senhor, por que não posso ir agora?”, perguntou ele. “Estou disposto a morrer pelo senhor.” ³⁸“Morrer por mim?”, disse Jesus. “Eu lhe digo a verdade, Pedro: antes que o galo cante, você me negará três vezes.”

A MARCA DO CRISTÃO

Como identificar um cristão? Qual é o sinal de Cristo na vida de um crente?

Há séculos que as pessoas têm usado os símbolos mais diversos para demonstrar que são cristãs: uma cruz pendurada no pescoço; o crucifixo pendurado na parede da casa, do estabelecimento comercial ou no retrovisor do carro; distintivos na lapela do paletó ou da blusa; há os que tatuam o corpo com a cruz, algum símbolo religioso ou versículo bíblico; tem o sinal da cruz; e até o modo de vestir ou de cortar o cabelo. Para se ter uma ideia, já existe, e faz tempo, o que chamam de “moda evangélica”. É verdade que muitos estão precisando se vestir de modo mais decente e que grande parte desses apetrechos tem mais do que o propósito de simplesmente identificar alguém como cristão: há os que usam essas coisas apenas como acessório, optam por elas pelo gosto pessoal, como meio de expressão ou moda mesmo, enquanto outros chegam ao extremo de aderi-los como meio de graça, superstição ou coisa do tipo.

Para se ter uma ideia, o sinal da cruz:

A primeira coisa que pais católicos (praticantes) ensinam a seus filhos é o sinal da cruz. Creem ser uma marca de sua fé ou religião; é o ato que inicia e termina suas orações particulares ou coletivas. É um sinal externo, atestam, que os fazem voltar para Deus. Parece que a referência mais antiga deste gesto está entre os escritos de Tertuliano (o primeiro autor cristão a produzir uma obra literária em latim), que no século III (211 d.C.), escreveu:

Nós marcamos nossa frente com o sinal da cruz. Quando nos pomos a caminhar, quando saímos e entramos, quando nos vestimos, quando nos lavamos, quando iniciamos as refeições, quando nos vamos deitar, quando nos sentamos, nessas ocasiões e em todas as nossas demais atividades, benzemo-nos a testa com o sinal da Cruz.

O que aparentemente havia sido iniciado como um simples meio de identificação entre os cristãos primitivos, tornara-se para o cristão católico romano uma reza, um gesto místico como meio de graça – mesmo que o declarem ser apenas simbólico e professem tê-lo com o objetivo de ajudá-los a entrar em comunhão com aquilo que o gesto realmente significa: carregar a cruz de Jesus.

Mas seria este mesmo o sinal do cristão?

Jesus nos ensinou a fazer este tipo de sinal?

Qual é o sinal ou a marca do cristão?

Durante os três primeiros séculos do cristianismo, as perseguições contra os cristãos eram frequentes e brutais. A fé em Cristo era praticada de forma clandestina e, por isso, os cristãos não podiam se identificar abertamente. Neste contexto, como um cristão poderia saber se outra pessoa também era cristã?

Além de tomar as precauções mais evidentes, como informar-se sobre a outra pessoa previamente sempre que possível, parece-nos que os primeiros cristãos utilizavam alguns “códigos” ou “sinais secretos” para confirmar se estavam mesmo diante de um irmão da mesma fé. Um desses códigos, além do sinal da cruz, era o “Ichthys” ou “Ichthus”, palavra que, em grego antigo (ἰχθύς), significava “peixe”.

Segundo essa hipótese histórica, quando um cristão supunha estar diante de outro cristão clandestino, ou fazia o sinal da cruz (para obter o mesmo sinal de volta) ou desenhava uma curva ou meia-lua no chão. Se a outra pessoa desenhasse outra meia-lua sobreposta à dele, completando a figura de um peixe (ἰχθύς – “Ichthus”), seria muito maior a probabilidade de que se tratasse mesmo de um discípulo de Jesus que conhecia o “código” ou “sinal secreto” cristão.

Ora, o significado do sinal da cruz parece óbvio: o cristão carrega a cruz de Cristo.

E por que a imagem de um peixe?

As letras que formam a palavra “peixe” em grego (*Ichthys* ou *Ichthus*), quando escritas em maiúsculas (ΙΧΘΥΣ), formam um acrônimo com as iniciais da expressão “Iêsous Christos Theou Yios Sõtēr”, que significa “Jesus Cristo, Filho de Deus, Salvador” (em grego antigo: Ἰησοῦς Χριστός, Θεοῦ Υἱός, Σωτήρ). Desse modo, o *peixe* se tornou (ao lado da *cruz*) um dos *primeiros símbolos cristãos – a marca do cristão* –, juntamente com a imagem do Bom Pastor e, posteriormente, do crucifixo católico romano. O *Ichthys* ou *Ichthus* também era usado para indicar as catacumbas [sepulturas subterrâneas] cristãs durante as perseguições contra a igreja, de modo que apenas os próprios cristãos soubessem quais eram os túmulos dos seus irmãos de fé.

Veja, não há nada de errado nesses símbolos em si mesmos, desde que sejam realmente apenas símbolos, arte e (no contexto de perseguição) identificação. O problema é que nós somos muito propensos a transformar símbolos em ídolos, algo místico, mágico, supersticioso e, portanto, pagão.

Símbolos apenas exteriorizam a fé de alguém. Entretanto, há um símbolo, sinal ou marca muito melhor, instituída pelo próprio Cristo. Esse sinal não foi designado como estilo ou modismo, não foi determinado por uma questão de conveniência, nem para ser usado apenas em ocasiões especiais ou em épocas específicas. Trata-se de uma marca universal e atemporal, que deve perdurar no cristão em todas as culturas e épocas do mundo até a volta de Cristo. Qual é essa marca? Qual é o sinal ou a marca do cristão?

Em 1970, Francis Schaffer – pastor, teólogo e filósofo presbiteriano, um dos grandes arautos da ortodoxia cristã no século XX, fundador da comunidade L’Abri (francês “O Abrigo”) na Suíça, escreveu um texto ainda hoje relevante: *A Marca do Cristão*. Antes de falarmos desta obra, que guarda relação com o nosso texto em João 13, faz-se necessário destacar alguns pontos sobre a vida e a obra de Schaeffer:

A grande ênfase de sua vida foi [1] opor-se ao modernismo teológico, à chamada *neo-ortodoxia* [teologia dialética, i.e., tudo está em processo de constante tornar-se; tese-antítese-síntese; a autoridade da Bíblia não está na revelação do texto em si, mas na experiência do leitor com Deus à partir daquele texto; a Bíblia *não é revelação* de Deus, ela é *registro de revelação e torna-se ou não revelação*, a depender da experiência do leitor]. Outra ênfase de Schaffer foi [2] defender uma fé baseada na *tradição protestante reformada* e um enfoque *pressuposicional* na apologética cristã [raciocínio circular; parte de um ponto para provar aquele ponto]. [3] Alguns teóricos creditam às ideias de Schaeffer [pela sua defesa contundente do criacionismo, e manifestação contrária, igualmente firme, ao aborto e a eutanásia... principalmente, por isso...] o despertar da *direita cristã* nos Estados Unidos.

Em que pese toda a ênfase na sã doutrina, defesa e prática da verdade por parte dos cristãos, Schaeffer frequentemente enfatizava que a verdadeira marca do cristão é o amor. Desse modo, o texto de 1970 – *A Marca do Cristão* –, redigido à partir de João 13 (que temos diante de nós esta noite), tem como tese principal que o que sinaliza um cristão, o que o identifica não é outra coisa senão o novo mandamento de Jesus Cristo que estabelece *o amor como a marca emblemática de seus discípulos* – em contraposição a qualquer costume, indumentária ou ritos exteriores praticados e ensinados pelos homens e pelas religiões. Ao dizer que o amor é a marca do cristão, Schaeffer está destacando que *o amor é a marca que melhor define a atitude e o comportamento dos cristãos*. Este mandamento, transmitido aos discípulos nos últimos momentos anteriores à cruz, tem a força de uma máxima do evangelho.

Com efeito, o amor é a marca do discípulos de Cristo por ser a essência da natureza de Deus e de sua obra redentora. Deus é amor e isto subsiste plenamente sem sofrer alterações no tempo e no espaço. Portanto, sendo o amor um atributo comunicável de Deus, toda a sua criação deve refletir esta marca. A queda narrada na Bíblia provocou a alienação do homem em relação [1] a Deus, [2] a si mesmo e [3] aos seus semelhantes. O novo nascimento é uma obra de Deus na vida do crente, transformando-o em nova criatura (2Co 5.17; Cl 3.10), e a igreja em uma nova humanidade (Ef 2.15), restaurando seu relacionamento com Deus. Nesta ‘religação’ do homem com Deus, seu amor flui continuamente por obra do Espírito Santo em nosso coração (Rm 5.5). À luz destes fatos, os crentes e a igreja são os portadores do amor de Deus e devem proclamá-lo a toda e qualquer pessoa, em todas as épocas e lugares. O amor é a marca do cristão.

A. W. Pink – em sua *Exposição do Evangelho de João* [tradução livre], corrobora com a tese de Schaeffer à partir de João 13.35: “Seu amor uns pelos outros provará ao mundo que são meus discípulos.” – escreveu:

O amor é a marca do discipulado cristão. Não é o conhecimento, nem a ortodoxia, nem as atividades carnis, mas (supremamente) o amor que identifica um seguidor do Senhor Jesus. Como os discípulos dos fariseus eram conhecidos por seus filactérios [i.e., faixa de couro e pergaminho, com escritos religiosos, que eles enrolavam no braço e prendiam à frente, ao fazer as orações], como os discípulos de João [Batista] eram conhecidos pelo batismo [de João], e cada escola é reconhecida por seus símbolos particulares [uniformes, slogans, brasões, etc.], assim a marca de um verdadeiro cristão é o amor; de fato, um amor genuíno e ativo, não apenas em palavras, mas também em ações.

O TREINAMENTO DE JESUS

A marca do cristão é o amor ou, para usar o título que demos a esta mensagem, *o sinal da cruz no cristão é o amor* – e isto nos traz mais uma vez a João 13.31-38, tamanha a importância deste tema.

Lembre-se de que João 13 é uma nova parte no Evangelho de João. À partir deste ponto (e até o final do capítulo 17), como já vimos anteriormente, Jesus está a portas trancadas com seus discípulos, treinando-os em privado para a grande batalha que daria início em poucas horas. E a primeira lição é sobre o amor; ou seja: a marca que o cristão deve imprimir no mundo, o sinal pelo qual ele deve ser reconhecido, a maneira como ele deve levar adiante e cumprir a Grande Comissão (de fazer discípulos) é o amor. Para usarmos a expressão de Marshall McLuhan (estacado educador, intelectual, filósofo e teórico da comunicação canadense, 1911–1980): o meio (a mídia) é a mensagem; i.e., o amor é a mensagem – que gradualmente cria um ambiente humano totalmente novo.

Desde o início deste capítulo (dissemos isto na semana passada), Jesus está ensinando a mesma lição no preparo dos discípulos para as batalhas que eles teriam (e nós teremos) na proclamação do evangelho: é preciso amar do mesmo modo que ele, Jesus, os havia amado, do começo ao final (Jo 13.1); o amor deve fazer-nos servir humildemente, lavar os pés uns dos outros (13.2-20); neste propósito de servir em amor, de exalar o amor, de criar um ambiente totalmente novo pelo amor, por vezes, a alma ficará “profundamente angustiada” (como ficou a de Jesus por causa de Judas), porque dentre aqueles que nós mais amamos alguém poderá virar as costas para Jesus e para nós mesmos (13.21); e mesmo assim nós devemos amar, e amar de novo até o final, pois é desse modo que glorificamos ao Pai e ao Filho (13.22-33):

³⁴Por isso, agora eu lhes dou um novo mandamento: Amem uns aos outros. Assim como eu os amei, vocês devem amar uns aos outros. ³⁵Seu amor uns pelos outros provará ao mundo que são meus discípulos”.

Você prestou atenção na expressão “por isso” (v. 34)?

“Por isso” o quê?

Essa expressão não aparece nas outras versões, pois não está no original grego. De fato, o versículo 34 começa da forma como está na ARA: “Novo mandamento vos dou” ou na NVI “Um novo mandamento lhes dou”. Entretanto, parece que os tradutores da NVT utilizaram a expressão “*Por isso, agora eu lhes dou um novo mandamento*” com o propósito de destacar a transição no pensamento, no argumento de Jesus. Desse modo, penso estar correta também a NVT.

Veja, **versículo 33**:

Meus filhos, estarei com vocês apenas mais um pouco. E, como eu disse aos líderes judeus, vocês me procurarão, mas não poderão ir para onde eu vou.

Em outras palavras: uma vez que o Senhor estava indo para a cruz, e depois ressuscitaria e ascenderia aos céus; uma vez que seria retirado deles E DO MUNDO; estava sendo retirado de diante dos olhos deles e dos olhos do mundo o único exemplo de amor ver-

dadeiro que todos jamais conheceram – o amor de Deus encarnado em Jesus Cristo; então, o **versículo 34**: “*Por isso [porque estarei apenas mais um pouco com vocês e vocês não poderão ir para onde eu vou, v. 33], agora [v. 34] eu lhes dou um novo mandamento: Amem uns aos outros.*”

Percebeu o pulo do gato?

O próprio Jesus é amor, pois ele é Deus e “Deus é amor” (1Jo 4.8). Ele estava prestes a dar a prova cabal desse amor (tanto do Pai como do Filho), morrendo na cruz. No entanto, no próprio ato de morrer, que (como já dissemos) seria seguido por sua ressurreição e ascensão ao céu, ele Cristo seria retirado (fisicamente) do mundo.

Como, então, homens e mulheres poderiam saber o que é o verdadeiro amor de Deus? Como eles seriam capazes de ver, palpar, sentir o amor demonstrado por Jesus quando ele fosse retirado do mundo? A resposta é que O MUNDO VERÁ O AMOR DE DEUS NA VIDA DAQUELES QUE SÃO DISCÍPULOS DE CRISTO. Sim, Jesus estava sendo levado, mas agora os discípulos deveriam amar como ele amou. É como se Jesus estivesse dizendo: “Eu vou... ‘*Por isso, agora eu lhes dou um novo mandamento*’; Eu vou... portanto, vocês deverão viver como eu tenho vivido neste mundo: amando uns aos outros.” João entendeu isso, e mais tarde escreveu em sua primeira carta:

1João 4.7-12 ⁷Amados, continuemos a amar uns aos outros, pois o amor vem de Deus. Quem ama é nascido de Deus e conhece a Deus. ⁸Quem não ama não conhece a Deus, porque Deus é amor. ⁹Deus mostrou quanto nos amou ao enviar seu único Filho ao mundo para que, por meio dele, tenhamos vida. ¹⁰É nisto que consiste o amor: não em que tenhamos amado a Deus, mas em que ele nos amou e enviou seu Filho como sacrifício para o perdão de nossos pecados. ¹¹Amados, visto que Deus tanto nos amou, certamente devemos amar uns aos outros. ¹²Ninguém jamais viu a Deus. Mas, se amamos uns aos outros, Deus permanece em nós, e seu amor chega, em nós, à expressão plena.

Outra coisa:

Quando Jesus lava os pés dos apóstolos e diz para eles fazerem o mesmo (vs. 14-17), e quando ele diz que os apóstolos deveriam amar uns aos outros como ele os amou (v. 34), o Senhor está dizendo que OS APÓSTOLOS DEVERIAM ESTENDER UNS AOS OUTROS O AMOR QUE ELES (EXCETO JUDAS ISCARIOTES) SENTIAM POR ELE, CRISTO. Ora, não há dúvida de que os 11 que sobraram ao lado de Jesus naquele momento o amavam de coração. Tudo o que Jesus pedisse, eles fariam de bom grado. Pedro estava sendo sincero quando disse que morreria por Jesus se fosse necessário (v. 37). É verdade, claro, que seu amor não era tão forte quanto pensava que fosse, mas era do tamanho de um grão de mostarda. Sabemos que Pedro, naquela circunstância, não morreria; na verdade, ele negaria seu Mestre. Também sabemos que os outros apóstolos se dispersariam no momento da prisão no Getsêmani. No entanto, eles realmente o ama-

vam. Jesus sabia disso. Mais tarde, quando recebessem o Espírito Santo, todos dariam, literalmente, a vida por Cristo.

No entanto, tão certo quanto eles o amavam, também estava claro para Jesus que OS DISCÍPULOS NÃO SE AMAVAM COM A MESMA INTENSIDADE QUE ELES AMAVAM O PRÓPRIO SENHOR. Pelo contrário, eles estavam com ciúmes um do outro, invejando um ao outro e até teriam sido capazes de matar Judas Iscariotes, caso o flagrassem naquela traição. De fato, eles estavam disputando entre si qual deles deveria ser o maior entre os demais. Ora, eles nem lavaram os pés uns dos outros, quando entraram para a ceia. Foi preciso que Jesus mesmo se humilhasse e lavasse os pés de todos à mesa. O amor deles pelo Senhor estava mais propenso a fazê-los empunhar a espada contra os perseguidores de Cristo do que usar a bacia e a toalha para lavar os pés uns dos outros. Portanto, nesta situação, quando Jesus estava para ser tirado deles e retirado do mundo, o Senhor os ensinou que eles deveriam amar uns aos outros – versículos 33-35:

³³Meus filhos [**“veja, vocês são meus filhos – τέκνιον: filhinhos; portanto, vocês são irmãos!”**], estarei com vocês apenas mais um pouco. E, como eu disse aos líderes judeus, vocês me procurarão, mas não poderão ir para onde eu vou [**e não poderão se destruir quando eu for**]. ³⁴Por isso, agora eu lhes dou um novo mandamento: Amem uns aos outros. Assim como eu os amei, vocês devem amar uns aos outros. ³⁵Seu amor uns pelos outros provará ao mundo que são meus discípulos”.

Em outras palavras, o amor vertical dos discípulos pelo Cristo exaltado deveria ser expressado horizontalmente, em seu amor por todos os outros cristãos. Além disso, o amor horizontal, que pode ser visto por todos, é a única prova da dimensão vertical do amor a Deus. João entendeu isso, e mais tarde escreveu em sua primeira carta:

1João 3.7-11 ⁷Filhinhos [τέκνιον: filhinhos = τέκνιον: meu filho, Jo 13.33], não deixem que ninguém os engane a este respeito: quando uma pessoa faz o que é justo, *mostra* que é justa, como ele é justo. ⁸Mas, quando continua a pecar, *mostra* que pertence ao diabo, pois o diabo peca desde o início. Por isso o Filho de Deus veio, para destruir as obras do diabo. ⁹Aquele que é nascido de Deus não vive no pecado, pois *a vida de Deus está nele*. Logo, não pode continuar a pecar, pois é nascido de Deus. ¹⁰Assim, podemos identificar quem é filho de Deus e quem é filho do diabo. *Quem não pratica a justiça e não ama seus irmãos não pertence a Deus*. ¹¹Esta é a mensagem que vocês ouviram desde o princípio: que amemos uns aos outros [Jo 13.34].

“MEUS DISCÍPULOS”

A primeira lição de Jesus aos discípulos no Cenáculo é de que eles devem dar provas de que são *discípulos verdadeiros* – e esta será pelo modo como eles amam uns aos outros. Com efeito, em três ocasiões diferentes, João registrou em seu Evangelho a preocupação de Jesus em deixar claro quais são as marcas do verdadeiro discípulo:

Primeiro, o verdadeiro discípulo é aquele que PERMANECE NA SÃ DOUTRINA de um modo que a verdade da palavra de Deus o liberta do pecado:

João 8.31-32 ³¹Jesus disse aos judeus que creram nele: “Vocês são *verdadeiramente meus discípulos se permanecerem fiéis a meus ensinamentos*. ³²Então conhecerão a verdade, e a verdade os libertará”.

Segundo, o verdadeiro discípulo é aquele que PRATICA O AMOR, tal como Jesus o praticou, dando assim provas de sua fé ao mundo:

João 13.34-35 ³⁴Por isso, agora eu lhes dou um novo mandamento: Amem uns aos outros. Assim como eu os amei, vocês devem amar uns aos outros. ³⁵Seu amor uns pelos outros provará ao mundo que são meus discípulos”.

Terceiro, o verdadeiro discípulo PRODUZ FRUTOS de justiça e de amor:

João 15.5-8 ⁵“Sim, eu sou a videira; vocês são os ramos. Quem permanece em mim, e eu nele, produz muito fruto. Pois, sem mim, vocês não podem fazer coisa alguma. ⁶Quem não permanece em mim é jogado fora, como um ramo imprestável, e seca. Esses ramos são ajuntados num monte para serem queimados. ⁷Mas, se vocês permanecerem em mim e minhas palavras permanecerem em vocês, pedirão o que quiserem, e isso lhes será concedido! ⁸Quando vocês produzem muitos frutos, trazem grande glória a meu Pai e demonstram que são meus discípulos de verdade.

Somos discípulos de Jesus? Você é um discípulo? Eu sou um discípulo de Jesus?

Sem dúvida, a maioria de nós responderá com prazer: “Sim, eu sou discípulo de Jesus! Eu sou cristão! Eu sou crente em Jesus!” Entretanto, o que importa mesmo não é o que dizemos sobre nós mesmos, mas o que Jesus mesmo diz sobre o verdadeiro discípulo, o verdadeiro cristão ou o crente de verdade. E Jesus definiu discípulo como aquele que *permanece na sã doutrina* da palavra de Deus, *pratica o amor aos irmãos* como ele mesmo nos amou e, conseqüentemente, *produz muitos frutos*.

Então: você pode dizer que sua vida é marcada pela sã doutrina, a santidade, o amor e a frutificação pelo evangelho? Afinal, foi Jesus mesmo quem disse (Jo 8.31): “Vocês são *verdadeiramente meus discípulos se permanecerem fiéis a meus ensinamentos [e essa verdade os libertará]*”. Ele disse ainda (Jo 13.34): “Seu amor uns pelos outros *provará ao mundo que são meus discípulos*”. Ele disse também (Jo 15.8): “Quando vocês produzem muitos frutos, trazem grande glória a meu Pai e *demonstram que são meus discípulos de verdade*.”

Queira Deus que estejamos neste caminho: permanecendo na sã doutrina que nos liberta do pecado, praticando o amor de um modo concreto e produzindo frutos de justiça e de amor para a glória de Deus. Gente assim é que é discípulo de verdade.

O NOVO MANDAMENTO DO AMOR

Mas de todas as marcas do cristão, a que se sobressai é a do amor, João 13.25: “Seu amor uns pelos outros *provará ao mundo que são meus discípulos*”. É pelo amor que nós

somos conhecidos pelo mundo. O sinal da cruz no cristão é o amor. De fato, a lei de Deus – toda a lei de Deus – se cumpre no amor:

Romanos 13.8-10 ⁸Não devam nada a ninguém, a não ser o amor de uns pelos outros. *Quem ama seu próximo cumpre os requisitos da lei de Deus.* ⁹Pois os mandamentos dizem: “Não cometa adultério. Não mate. Não roube. Não cobice”. Esses e outros mandamentos semelhantes se resumem num só: “Ame o seu próximo como a si mesmo”. ¹⁰O amor não faz o mal ao próximo, portanto *o amor cumpre todas as exigências da lei de Deus.*

Por que o amor é o cumprimento de todas as exigências da lei de Deus?

Primeiro, porque *o amor de Deus enviou Jesus para cumprir a lei em nosso lugar:*

Romanos 8.3-4 ³A lei não era capaz de nos salvar por causa da fraqueza de nossa natureza humana, por isso Deus fez o que a lei era incapaz de fazer ao enviar seu Filho na semelhança de nossa natureza humana pecaminosa e apresentá-lo como sacrifício por nosso pecado. Com isso, declarou o fim do domínio do pecado sobre nós, ⁴de modo que nós, que agora não seguimos mais nossa natureza humana, mas sim o Espírito, possamos cumprir as justas exigências da lei.

Segundo, porque amando como Jesus amou é que seremos capazes de morrer para nós mesmos, morrer para o pecado e as nossas paixões, e viver para Deus e para o próximo – desse modo, então, cumprindo a lei de Deus:

2Coríntios 5.15 Ele morreu por todos, para que os que recebem sua nova vida não vivam mais para si mesmos, mas para Cristo, que morreu e ressuscitou por eles.

Romanos 13.8-10 ⁸Não devam nada a ninguém, a não ser o amor de uns pelos outros. *Quem ama seu próximo cumpre os requisitos da lei de Deus.* ⁹Pois os mandamentos dizem: “Não cometa adultério. Não mate. Não roube. Não cobice”. Esses e outros mandamentos semelhantes se resumem num só: “Ame o seu próximo como a si mesmo”. ¹⁰O amor não faz o mal ao próximo, portanto *o amor cumpre todas as exigências da lei de Deus.*

Esse é o sinal da cruz no cristão: o seu amor – o amor a Deus e o ao próximo – [1] o amor a Deus que o faz se sacrificar por Deus para receber de volta o próprio Deus, e [2] o amor ao próximo que o faz se sacrificar pelo próximo para que ele se volte para Deus. **IMPORTANTE:** Esse modo de amar, como Jesus amou, *esse amor auto sacrificial*, é o que *torna esse modo de amar em um novo mandamento:*

João 13.34-35 ³⁴Por isso, agora eu lhes dou um *novo mandamento*: Amem uns aos outros. *Assim como eu os amei, vocês devem amar uns aos outros.* ³⁵Seu amor uns pelos outros provará ao mundo que são meus discípulos”.

O mandamento de amar uns aos outros não é novo por si só — a lei, em Levítico 19.18, prescrevia: “Não procurem se vingar nem guardem rancor de alguém do seu povo, mas cada um ame o seu próximo como a si mesmo. Eu sou o SENHOR.” Portanto, o que parece ser novo não é o mandamento, mas a maneira como devemos amar, ou seja, “as-

sim como Jesus nos amou — João 13.34: “Assim como eu os amei, vocês devem amar uns aos outros.”

Quando *Levítico* diz: “cada um ame o seu próximo como a si mesmo”, Deus está fazendo o nosso amor próprio a medida do amor pelo próximo; e quando *João* traz: “Assim como eu os amei, vocês devem amar uns aos outros”, Deus está fazendo do amor de Cristo a medida de nosso amor pelos outros. Não se trata de contradição, é um esclarecimento. Aliás, o novo mandamento não só esclarece o anterior, ele também o *eleva*.

Nunca antes o Filho de Deus tinha vindo ao mundo e dado sua vida pelo resgate de seu povo. Isso nunca tinha acontecido antes! Este grau de grandeza [o Filho de Deus] fazendo este grau de sacrifício [morrendo em resgate de muitos], nunca antes na história do mundo havia ocorrido. Isso era totalmente, absolutamente, maravilhosamente novo.

AMANDO DESSE MODO TOTALMENTE NOVO, auto sacrificialmente para se desfrutar de um prazer maior (Deus mesmo através de Cristo) e para se proporcionar ao próximo um prazer maior (Deus mesmo pelo evangelho de Cristo) **PROVARÁ AO MUNDO QUE SOMOS VERDADEIRAMENTE DISCÍPULOS DE CRISTO**. Jesus voltará a isto em João 15 e deixará ainda mais claro o significado do que lemos em João 13.34-35. Veja os dois textos em paralelo:

João 13.34-35 ³⁴Por isso, agora eu lhes dou um novo mandamento: Amem uns aos outros. Assim como eu os amei, vocês devem amar uns aos outros. ³⁵Seu amor uns pelos outros provará ao mundo que são meus discípulos”.

João 15.12-13 ¹²Este é meu mandamento: Amem uns aos outros como eu amo vocês. ¹³Não existe amor maior do que dar a vida por seus amigos.

Agora, é mesmo possível amar assim, auto sacrificando-se pelos outros? De que modo é possível se auto sacrificar pelo próximo, ao passo que se glorifica a Deus (e não a si mesmo) e se abençoa o próximo (e não apenas a si mesmo)? Veja o texto de João 15 em seu contexto um pouco mais ampliado:

João 15.9-17 ⁹“Eu os amei como o Pai me amou. **Permaneçam no meu amor.** ¹⁰- Quando vocês obedecem a meus mandamentos, permanecem no meu amor, assim como eu obedeço aos mandamentos de meu Pai e permaneço no amor dele. ¹¹Eu **lhes disse estas coisas para que fiquem repletos da minha alegria.** *Sim, sua alegria transbordará!* [COMO???] ¹²Este é meu mandamento: *Amem uns aos outros como eu amo vocês.* ¹³Não existe amor maior do que dar a vida por seus amigos. ¹⁴Vocês serão meus amigos se fizerem o que eu ordeno. ¹⁵Já não os chamo de escravos, pois o senhor não faz confidências a seus escravos. Agora vocês são meus amigos, pois eu lhes disse tudo que o Pai me disse. ¹⁶Vocês não me escolheram; **eu os escolhi. Eu os chamei para irem e produzirem frutos duradouros**, para que o Pai lhes dê tudo que pedirem em meu nome. ¹⁷Este é meu mandamento: **Amem uns aos outros.**”

Esta é a novidade. Este é o novo mandamento. “Amem uns aos outros. *Assim como eu os amei.*” — Em outras palavras: “Amem, sim, mas não *copiando* minha forma

de amar; antes, amem *conectando-se*, pela fé, à mim que sou a videira verdadeira (Jo 15.1-4).” — IMPORTANTE: [1] a vida cristã, a vida do discípulo verdadeiro não é por imitação, é por *participação*; [2] o amor dos crentes pelos outros não é uma simulação do amor de Cristo, antes, é a *manifestação* mesmo desse amor de Deus em Cristo pelo mundo. — Os cristãos são os ramos. Cristo é a videira verdadeira. Parafraçando João 15.7-8: “E se os cristãos permanecerem em Cristo e as palavras de Cristo permanecerem nos cristãos, eles pedirão o que quiserem [poder para amar!], e isso lhes será concedido! E quando os cristãos produzem muitos frutos [de amor], trazem grande glória ao Pai e demonstram que são discípulos de verdade de Jesus Cristo.”

Portanto, a razão pela qual o amor que temos uns pelos outros demonstra que somos verdadeiramente discípulos de Jesus É QUE ESSE TIPO DE AMOR SÓ É POSSÍVEL PORQUE ESTAMOS ENXERTADOS NA VIDA E NO AMOR DE CRISTO. Amamos como ele amou, porque amamos com o seu amor. Isso é novo, e milagroso.

Na prática, como tudo isso se parece?

A vida que é fruto do novo mandamento do amor está estampada em 1Coríntios 13. A passagem, todos conhecem, mas substituiremos o substantivo *amor* pelo nome *Jesus Cristo*, veja (que é a encarnação do amor):

1Coríntios 13.4-8 ⁴**Jesus Cristo** é paciente e bondoso. **Jesus Cristo** não é ciumento, nem presunçoso. Não é orgulhoso, ⁵nem grosseiro. Não exige que as coisas sejam à sua maneira. Não é irritável, nem rancoroso. ⁶Não se alegra com a injustiça, mas sim com a verdade. ⁷**Jesus Cristo** nunca desiste, nunca perde a fé, sempre tem esperança e sempre se mantém firme. ⁸Um dia, profecia, línguas e conhecimento desaparecerão e cessarão, mas **Jesus Cristo** durará para sempre.

Ora, se esse é o amor de Jesus, se esse é Jesus e se, pela fé nós estamos enxertados na videira verdadeira que é Jesus, então esse tipo de amor tem que fluir/manifestar da nossa vida. Disse Jesus: “Assim como eu os amei, vocês devem amar uns aos outros” (Jo 13.34), mas como? De modo prático, como eu devo amar, de que modo o amor de Cristo deve se manifestar na minha vida?

Uma maneira de saber é voltar ao texto de 1Coríntios 13 e substituir o substantivo *amor* não pelo nome *Jesus Cristo*, mas pelo *meu (seu) nome* mesmo (veja e imagine como o mundo saberia, de fato, que você é discípulo de Jesus):

1Coríntios 13.4-8 ⁴O _____ é paciente e bondoso. O _____ não é ciumento, nem presunçoso. Não é orgulhoso, ⁵nem grosseiro. Não exige que as coisas sejam à sua maneira. Não é irritável, nem rancoroso. ⁶Não se alegra com a injustiça, mas sim com a verdade. ⁷O _____ nunca desiste, nunca perde a fé, sempre tem esperança e sempre se mantém firme. ⁸Um dia, profecia, línguas e conhecimento desaparecerão e cessarão, mas o _____ durará para sempre.

O SINAL DA CRUZ NO CRISTÃO

Qual é a marca do cristão? Como o cristão deve se identificar ao mundo? O que deve distinguir um crente em Jesus dos demais? A cruz? O sinal da cruz? A roupa? O cabelo? Algum símbolo ou adereço? O quê?

Nada dessas coisas!

O amor uns aos outros, tal como Cristo nos amou, é a marca do cristão. O sinal da cruz no cristão é a marca do amor, tal como Cristo nos amou.

Interessante que neste ponto da conversa, Jesus perdeu a atenção de Pedro. O apóstolo da precipitação – que dizia amar tanto – não ouviu nada do que Jesus falara sobre o amor, mas retomou a conversa do versículo 33 tão logo Jesus recobrava o fôlego de sua fala. Preste atenção:

João 13.33-38 ³³Meus filhos, estarei com vocês apenas mais um pouco. E, como eu disse aos líderes judeus, **vocês me procurarão, mas não poderão ir para onde eu vou.** ³⁴Por isso, agora eu lhes dou um novo mandamento: Amem uns aos outros. Assim como eu os amei, vocês devem amar uns aos outros. ³⁵Seu amor uns pelos outros provará ao mundo que são meus discípulos”. ³⁶**Simão Pedro perguntou: “Para onde o Senhor vai?”**. Jesus respondeu: “Para onde vou vocês não podem ir agora, mas me seguirão mais tarde”. ³⁷“Senhor, por que não posso ir agora?”, perguntou ele. “Estou disposto a morrer pelo senhor.” ³⁸“Morrer por mim?”, disse Jesus. “Eu lhe digo a verdade, Pedro: antes que o galo cante, você me negará três vezes.”

— Pedro, Pedro! A forma de morrer para Jesus é amando como ele amou! É sacrificando-se em amor uns pelos outros, assim como Cristo iria se sacrificar por nós e por você também, Pedro. O sinal da cruz no cristão é o amor. E só é possível amar desse jeito, Pedro, enxertando, conectando, espetando sua vida, pela fé, na vida e na morte de Jesus Cristo. Não é por auto sacrifício nem por imitação, e sim pelo sacrifício de Cristo e por manifestação de fruto que é pela fé na graça de Deus. Aí sim, Pedro! Do contrário, o galo cantará três vezes e você negará Jesus três vezes.

Então, Povo de Deus, Segunda Igreja Batista em Goiânia – “Meus filhos! Filhinhos!” – neste momento único de nossa existência (talvez único em nossa geração, por séculos, antes e depois de nós), nestes dias históricos na vida de nossa nação e do mundo, nesta época de pandemia e de polarização ideológica, é isso que Jesus está pedindo de nós, os cristãos: “Assim como eu os amei, vocês, crentes, devem amar uns aos outros.” Portanto, meu povo, rebaixe-se no serviço de lavar os pés um dos outros. Entregue sua vida, seus privilégios, um pelos outros. Ame seus irmãos e irmãs de todas as cores, raças, tribos e nações, homem ou mulher, pequeno ou grande, pobre ou rico, conservador ou liberal, de direita ou de esquerda. Ame os mais fracos, os mais velhos e os mais jovens. Ame os portadores de necessidades especiais. Ame o criador de casos. Ame quem pensa diferente.

É certo que, quando você ama, você não pode expiar o pecado de ninguém. Entretanto, quando você ama assim como Cristo nos amou, você pode fazer algo parecido com o que Cristo fez no calvário, porque, além de lançar fora o medo para amar (1Jo 4.18), “o amor cobre multidão de pecados” (1Pe 4.8, ARA).

Quão abençoados é a *família* e são os *amigos* – especialmente a família e os amigos em dias tão cheios de raiva como estes – que têm pessoas que amam assim como Cristo amou! Quão abençoada é a *igreja* – especialmente a igreja em tempos de desespero e de divisão como estes – que tem membros que amam assim como Cristo amou! Quão abençoada é a *nação* – especialmente a nação em tempos de pandemia e de tanta divisão ideológica – que tem cidadãos, cristãos, que amam assim como Cristo amou!

Lembre-se: o sinal da cruz no cristão é o amor de Cristo.

Já provou desse amor?

Tem em sua vida manifestado esse amor (que é fruto da fé)?

S.D.G. L.B.Peixoto